

Sionismo Cristão: uma teologia à serviço do genocídio

Christian Zionism: a theology in the service of genocide

Wanderley Pereira da Rosa¹

RESUMO

O presente artigo argumenta que o atual conflito em Gaza configura um genocídio, impulsionado pela convergência do sionismo judaico e cristão que transformou a fé em uma política de estado. Essa união, apoiada por potências ocidentais, tem permitido o extermínio sistemático da população palestina, incluindo sua cultura e história. Embora o ataque do Hamas de 7 de outubro de 2023 seja condenável, a resposta israelense é desproporcional e oportunista. O texto ressalta que o número de mortos palestinos é, até então, 50 vezes maior, evidenciando uma aniquilação. A lógica genocida de Israel inclui o uso da fome como arma de guerra e a destruição de infraestrutura civil, como hospitais e escolas. A denúncia da África do Sul na Corte Internacional de Justiça trouxe à tona o debate sobre o genocídio. O texto também resgata a origem e a ideologia sionista que, desde sua origem, tem se esforçado por negar a existência do povo palestino, tratando-o como um “povo sem-terra”. Esta estratégia colonialista e racista visa a eliminação e substituição dos palestinos naquele território.

PALAVRAS-CHAVE

Genocídio; sionismo; sionismo cristão; palestinos; Israel.

ABSTRACT

This article argues that the current conflict in Gaza constitutes genocide, driven by the convergence of Jewish and Christian Zionism, which has transformed faith into state policy. This union, supported by Western powers, has allowed for the systematic extermination of the Palestinian population, including its culture and history. Although the Hamas attack on October 7, 2023, is reprehensible, the Israeli response is disproportionate and opportunistic. The text points out that the number of Palestinian deaths is, so far, 50 times higher, evidencing annihilation. Israel's genocidal logic includes the use of hunger as a weapon of war and the destruction of civilian infrastructure, such as hospitals and schools. South Africa's complaint to the International Court of Justice has brought the debate on genocide to the fore. The text also recalls the origins and ideology of Zionism, which, since its inception, has sought to deny the existence

¹ Formado em Teologia e Filosofia, mestre e doutor em Teologia, professor de História do Cristianismo, é o Diretor-Geral da Faculdade Unida de Vitória. E-mail: wanderley@fuv.edu.br

of the Palestinian people, treating them as a “people without a land.” This colonialist and racist strategy aims to eliminate and replace the Palestinians in that territory.

KEYWORDS

Genocide; Zionism; Christian Zionism; Palestinians; Israel.

“O que foi não será mais! Iremos até lá em guerra, pulverizaremos cada pedaço de terra amaldiçoado de onde veio, destruiremos a ele e a memória dele... e não retornaremos até que seja aniquilado, e [Deus] vingue-se de seus adversários e faça expiação pela terra de Seu povo...”²

Introdução

Este artigo pretende mostrar como o atual conflito em Gaza se configura, segundo as leis internacionais, como um genocídio, mesmo com as negativas do governo israelenses; como o sionismo judeu e o sionismo cristão, com o passar do tempo, convergiram para transformar uma crença religiosa/teológica em política de Estado com o apoio dos grandes Impérios ocidentais e criaram, assim, as condições para o genocídio sistemático da população palestina com o extermínio não apenas de vidas humanas, mas também, de sua história, crenças, cultura, sociedade e de sua identidade como povo. E, finalmente, a ação programática de apagamento da identidade do povo palestino e a negação de sua longa história com aquele território.

A premissa para tal apresentação é de que o ataque em curso das forças israelenses contra o povo palestino deve ser classificado como genocídio não porque desprezamos o que ocorreu em 7 de outubro de 2023. Todos aqueles que são comprometidos com uma mensagem de justiça e esperança para todos os povos não podem aprovar o assassinato e o sequestro praticado por forças do Hamas naquele dia. Mas, o firme posicionamento contra o sionismo e sua lógica supremacista não pode ser acusado de antissemitismo. Confundir antissionismo com antissemitismo é outra estratégia fácil cujo único objetivo é embaçar o debate e não permitir críticas contundentes ao atual governo de Israel que promove uma política de *apartheid* e de aniquilamento do povo palestino, de sua história, crenças, cultura e tradição.

Sionismo e Genocídio – o 7 de outubro sob perspectiva

Em 7 de outubro de 2023, militantes do Hamas sequestraram cerca de 250 pessoas, mataram 838 civis e 327 soldados, o ataque representou a maior perda de vidas judaicas em um único dia desde o Holocausto. No ataque, não houve distinção entre civis e militares, ou, entre mulheres e homens, crianças, jovens ou idosos. O ataque chocou o mundo e recebeu o imediato repúdio de todos aqueles que estão comprometidos com um mundo pacífico e de respeito à autodeterminação de todos os povos³.

² Carta do Brigadeiro-General David Bar Khalifa, escrita no final de outubro de 2023 e enviada às tropas que estavam prestes a entrar em Gaza.

³ MCDOOM, Omar Shahabudin. Expert Commentary, the Israeli-Palestinian Conflict, and the Question of Genocide: Prosemitic Bias within a Scholarly Community? In: *Journal of Genocide Research*, 2024, May, 1-9.

Por outro lado, a resposta do governo israelense também foi sem precedentes. Enquanto este texto está sendo escrito, mais de 60 mil palestinos, também sem distinção entre civis, militantes, crianças, jovens, mulheres ou idosos, já foram mortos pelos ataques israelenses.

Curiosamente, boa parte das reportagens sobre os ataques israelenses não apresenta uma simples comparação dos números de mortes em ambos os lados. Talvez porque pareça frio demais. Todas as vidas importam e o ataque do Hamas causou indignação e horror ao redor do mundo tamanha foi a brutalidade e a crueldade com que aquelas pessoas foram mortas, feridas ou sequestradas. Por outro lado, até este momento, as forças israelenses já mataram cerca de 50 vezes mais pessoas. Então, deveríamos ter 50 vezes mais comentários na imprensa mundial, mais indignação e manifestações de repúdio. Mas, não é o que vemos. O argumento em geral é o de que o que as forças israelenses estão fazendo é uma reação ao ataque de 7 de outubro e, portanto, tudo está justificado. Mas, o 7 de outubro precisa ser colocado sob perspectiva histórica e isto não anula, insistimos, não anula nossa indignação com os cerca de 1200 israelenses mortos e os cerca de 250 sequestrados, além dos feridos, física e emocionalmente. Mas, colocar o 7 de outubro sob perspectiva histórica é um argumento necessário e nos confronta com a questão acerca do valor que damos (ou não) às vidas palestinas.

Relatos jornalísticos e de autoridades da saúde e militares dão testemunho de que as mortes de civis no atual conflito de Israel com os palestinos não encontram precedentes no século XX (ou no atual) em termos da velocidade e da quantidade de pessoas mortas, proporcionalmente falando. O que tem ocorrido na Palestina neste momento tem sido mais bem descrito como uma aniquilação, pura e simplesmente⁴.

Autoridades políticas e militares de Israel não esconderam a intenção de usarem o atual conflito para eliminarem completamente a população palestina, seja pela morte ou pela expulsão, e destruírem todas as edificações em Gaza deixando lá apenas uma terra arrasada. Não se trata mais, portanto, de uma guerra, mas de um genocídio programático⁵.

A ação do governo da África do Sul em apresentar à Corte Internacional de Justiça uma denúncia contra Israel, trouxe à tona o debate que se tentava evitar: o ataque de Israel contra o povo palestino após 7 de outubro de 2023 precisa ser colocado sob perspectiva histórica, insistimos. Assim descreve Nimer Sultany:

seu apartheid de 75 anos, sua ocupação beligerante de 56 anos do território palestino e seu bloqueio de 16 anos de Gaza”. Sem o contexto de um regime de supremacia judaica, como institucionalizado na ocupação e no apartheid, torna-se mais fácil descartar a invocação de genocídio e enquadrar Gaza 2023-2024 simplesmente como uma “guerra”.⁶

Contudo, desde janeiro de 2024, cresce o consenso mundial de que o que está ocorrendo em Gaza neste momento viola a Convenção do Genocídio e interpela o mundo a ações de prevenção ao genocídio. Vale destacar ainda, que os ataques sionistas contra o povo palestino não se restringem ao tradicional uso de armas de destruição em massa, mas, também a fome tem

⁴ Irfan Galaria, “I’m an American Doctor Who Went to Gaza. What I Saw Wasn’t War – it was Annihilation,” *Los Angeles Times*, 16 February 2024. Citado em SULTANY, Nimer. A Threshold Crossed: On Genocidal Intent and the Duty to Prevent Genocide in Palestine. In: *Journal of Genocide Research*, 2024, May, 1–26. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14623528.2024.2351261>

⁵ SULTANY, <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14623528.2024.2351261>

⁶ SULTANY, <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14623528.2024.2351261>

sido usada como arma de guerra. Como já apontado, esta estratégia genocida tem sido declarada e repetida por autoridades israelenses. Por exemplo, a declaração do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, em 18 de outubro de 2023, de que “não permitiremos assistência humanitária na forma de alimentos e remédios de nosso território para a Faixa de Gaza”⁷.

Ao lado das restrições impostas contra a ajuda humanitária, privando o povo palestino de comida, água, remédios etc, outra estratégia genocida que deve ser destacada é a destruição sistemática, de hospitais, escolas e universidades e a morte de médicos, enfermeiros e professores, além da infraestrutura básica de saneamento e de prédios do governo e moradias. Todas essas ações colocadas lado a lado funcionam como uma espécie de garrote em torno do “pescoço” do povo palestino, garrote que vai sendo apertado aos poucos com o objetivo do aniquilamento total de suas vítimas.

Nimer Sultany destaca a estratégia colonialista, imperialista e genocida do governo sionista de Israel da seguinte forma:

O foco em assassinatos “não intencionais”, “proporcionais” e “colaterais” se tornou um ponto de discussão pró-israelense recorrente para desculpar o massacre em massa e a matança ilimitada. O foco em “intenção” e “civis” tornou-se uma linha divisória entre os “bárbaros” e os “civilizados” no discurso pró-Israel: o Hamas mata deliberadamente, enquanto Israel mata colateralmente, e o Hamas não se importa com civis palestinos, enquanto Israel busca minimizar as mortes de civis. Assim, o argumento continua, a matança de Israel é defensável, embora mate números horríveis e muito mais do que os palestinos.⁸

Outro argumento bastante frequente é o de que o governo de Israel é o único no mundo que, preocupado com os civis, envia antes avisos de evacuação para evitar a morte dessas pessoas. Um estudo do *Forensic Architecture*, grupo de pesquisa multidisciplinar sediado na Universidade de Londres, “que utiliza técnicas e tecnologias arquitetônicas para investigar casos de violência estatal e violações de direitos humanos em todo o mundo”, mostrou com farta documentação e registro de casos reais com local, data e hora que este argumento não passa de propaganda cujo único objetivo é escamotear a verdade. São inúmeros os registros de ordens de evacuação sem a clareza de quando seria seguro retornar para suas casas; a sobreposição de ordens de evacuação provocando múltiplos deslocamentos – relatório da Agência da ONU para Assistência aos Refugiados de 17 de fevereiro de 2024 mostra que 1,7 milhões de palestinos já haviam sido deslocados até aquela data, em muitos casos, as mesmas pessoas, diversas vezes –; invasão de áreas as quais não haviam recebido ordem de evacuação; ordens de evacuação para áreas que horas depois foram atacadas; ordens de evacuação para áreas destruídas anteriormente, significando que não havia lá condições básicas para sobrevivência. Em resumo, o estudo mostrou que as ordens de evacuação com objetivos humanitários na realidade trataram-se de violência humanitária e facilitaram o genocídio do povo palestino⁹.

⁷ SULTANY, <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14623528.2024.2351261>. As restrições impostas pelo governo israelense à ajuda humanitária, são seguidas de ataques à população no exato momento em que buscam esta ajuda como, por exemplo, a morte de mais de 100 pessoas no chamado “massacre da farinha”: <https://edition.cnn.com/2024/04/09/middleeast/gaza-food-aid-convoy-deaths-eyewitness-intl-investigation-cmd/index.html>

⁸ SULTANY, <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14623528.2024.2351261>

⁹ Forensic Architecture. Humanitarian Violence: Israel’s Abuse of Preventative Measures in its 2023-2024 Genocidal Military Campaign in the Occupied Gaza Strip. In: <https://forensic-architecture.org/investigation/humanitarian-violence-in-gaza>

Após citar diversas organizações como *Amnesty International*, *Human Rights Watch* e *Oxfam International* que mostram que nos anos anteriores a 7 de outubro já havia uma política de segurança do governo israelense que, sem justificativas plausíveis, serviram com o único propósito de sonegar aos palestinos o seu direito à autodeterminação, Nimer Sultany conclui que “esse pano de fundo de supremacia judaica e a crescente brutalidade do regime israelense contém em si a desumanização necessária que justifica a eliminação.”¹⁰

Francesca Albanese, Relatora Especial do *Human Rights Council* sobre a situação dos direitos humanos no território palestino ocupado desde 1967 produziu um dos documentos mais importantes sobre o atual crime de genocídio perpetrado pelo Estado de Israel. O relatório fartamente documentado tem o título *Anatomia de um Genocídio*. Nele, Albanese esclarece a lógica genocida e sua relação com o colonialismo de assentamento:

Como o colonialismo de assentamento visa adquirir terras e recursos indígenas, a mera existência de povos indígenas representa uma ameaça existencial à sociedade de assentamento. A destruição e a substituição de povos indígenas tornam-se, portanto, “inevitáveis” e ocorrem por meio de diferentes métodos, dependendo da ameaça percebida ao grupo de assentamento. Isso inclui remoção (transferência forçada, limpeza étnica), restrições de movimento (segregação, encarceramento em larga escala), assassinatos em massa (assassinato, doença, fome), assimilação (apagamento cultural, remoção de crianças) e prevenção de natalidade. O colonialismo de assentamento é um processo dinâmico e estrutural e uma confluência de atos que visam deslocar e eliminar grupos indígenas, dos quais o extermínio/aniquiação genocida representa o pico.¹¹

Em seu relatório, Albanese mostra que desde 1947 Israel tem implementado sucessivas ações militares para deslocar ou exterminar a população palestina com o objetivo de ocupar sozinho a “Grande Israel”. A estratégia básica tem sido a de interpretar “os palestinos como uma “ameaça à segurança” para justificar sua opressão e “descivilização”, ou seja, a negação de seu status como civis protegidos.”¹²

Surgimento e Consolidação do Sionismo Judaico

Inicialmente devemos reconhecer que o antissemitismo que dominou a Europa desde os princípios da Idade Média até a Modernidade representava uma ameaça à existência do povo judeu. São inúmeras as publicações e os casos de perseguição ao povo judeu nos mais variados locais da Europa. Para focarmos apenas nos exemplos mais recentes da nossa história moderna, podemos citar os terríveis pogroms desencadeados após o assassinato do Imperador Alexandre II da Rússia¹³. Ou, os cerca de 150 mil judeus mortos nos pogroms de 1918-1922, 125 mil na Ucrânia, 25 mil na Bielorrússia.

¹⁰ SULTANY, <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14623528.2024.2351261>

¹¹ ALBANESE, Francesca. *Anatomy of a Genocide: Human Rights situation in Palestine and other occupied Arab territories*. Human Rights Council, Fifty-fifth session, 26 February–5 April 2024, Agenda item 7, p. 3.

¹² ALBANESE, 2024, p. 4.

¹³ LISSOVSKY, Alexandre. *2000 anos depois: o renascimento de Israel*. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, p. 39, 40. Consta que os massacres de 1881 vitimaram cerca de 15 mil judeus na Polônia e na Ucrânia.

Na Alemanha, o principal centro de propagação de ideias antissemitas no século XIX, proliferavam publicações cujo objetivo era espalhar informações pseudocientíficas caracterizando os judeus como uma raça inferior que ameaçava a superior raça ariana, textos esses que ajudaram a pavimentar o caminho para a ascensão do nacional-socialismo no século XX. Exemplos disso são o artigo de 1879 *Os Judeus São Nossa Desgraça* do renomado historiador alemão Heinrich von Treitschke ou em suas obras *A Política e A História Alemã no Século XIX*. Ou ainda, *A Questão Judaica como Problema Racial, Moral e Cultural* do filósofo Eugen Karl Dühring. Consta que Hitler foi um entusiasmado leitor desses textos¹⁴.

Podemos aqui fazer referência também à França e ao escandaloso Caso Dreyfus, de 1894. Acusado de traição à pátria, o capitão Dreyfus foi alvo de um ódio generalizado muito mais por ser judeu, do que pela traição que, ao fim e ao cabo, comprovou-se falsa. Condenado à prisão perpétua, ele passou quase 5 anos preso na Guiana Francesa. E, mesmo após investigações apontarem o verdadeiro traidor, ele continuou sendo foco de injustiças e injúrias¹⁵.

O antissemitismo é um fato bastante conhecido e devemos reconhecer que o sionismo, no século XIX, surgiu como uma reação e uma necessidade de sobrevivência para o povo judeu¹⁶.

Theodor Herzl, judeu-húngaro, é considerado o iniciador do movimento sionista ao fundar a Organização Sionista em fins da década de 1880¹⁷. Após isso, Herzl organizou congressos e manteve contato com lideranças políticas europeias em busca de apoio para a criação de um Estado judaico. Ato contínuo, em 1896 Herzl publicou *O Estado Judeu*, livro no qual ele apresenta ao mundo seu plano político de criação de um Estado judeu que poderia ser na Palestina, em Uganda ou na Argentina. As motivações de Herzl não eram religiosas, mas, políticas¹⁸.

Não seria possível a concretização de tais intentos sem o apoio das grandes potências, primeiro do Reino Unido, em seguida, dos Estados Unidos. A primeira interlocução importante de Herzl foi com o reverendo William Henry Hechler, clérigo britânico da Igreja Anglicana, o qual exercia as funções de capelão da Embaixada Britânica em Viena¹⁹. Com Hechler inicia-se não apenas o apoio britânico, mas também, o apoio de protestantes evangélicos naquilo que seria conhecido, futuramente, como sionismo cristão. Sobre isto, falaremos mais tarde.

O apoio político, e também religioso, mais importante recebido por Herzl foi de Anthony Ashley Cooper, o Lorde Shaftesbury. Foi ele quem, em julho de 1853, escreveu ao primeiro-ministro Aberdeen que “a Grande Síria era “um país sem nação” que precisava de “uma nação sem país... Existe tal coisa? Com certeza existe, os antigos e legítimos senhores do solo, os judeus! (...)”²⁰.

¹⁴ LISSOVSKY, 2009, p. 49, 50.

¹⁵ LISSOVSKY, 2009, p. 51, 52.

¹⁶ WACHHOLZ, Wilhelm; REINKE, André Daniel. “Pela paz de Jerusalém”. A origem do sionismo cristão, sua influência na igreja protestante brasileira e sua atuação no Congresso Nacional. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano XIII, n. 37, Maio/Agosto de 2020, p. 253-273, p. 256. No prefácio de *O Estado Judeu*, Theodore Herzl anotava “O mundo ressoa com gritos contra os judeus, e esses gritos despertaram a ideia adormecida.” Citado por LISSOVSKY, 2009, p. 58.

¹⁷ REINKE, André Daniel. *O Sionismo Cristão e sua Influência na Cultura Protestante Brasileira*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2018, p. 44.

¹⁸ LISSOVSKY, 2009, p. 58, 62.

¹⁹ ICE, Thomas D. *Lovers of Zion: A History of Christian Zionism*. (2009). Article Archives. 29. p. 16. https://digitalcommons.liberty.edu/pretrib_arch/29

²⁰ Citado por ISSEROFF, Ami. *British Support for Jewish Restoration*. In: <http://mideastweb.org/britzion.htm>

Mais tarde, o judeu sionista, Israel Zangwill, popularizaria tal proposta com o slogan: uma terra sem povo para um povo sem terra²¹.

Foi também Shaftesbury quem fez com que Lorde Palmerston escrevesse ao Embaixador Britânico em Constantinopla com o seguinte apelo:

Existe atualmente entre os judeus dispersos pela Europa, uma forte noção de que o tempo está se aproximando para sua nação retornar à Palestina... Seria de manifesta importância para o sultão encorajar os judeus a retornar e se estabelecer na Palestina porque a riqueza que eles trariam com eles aumentaria os recursos dos domínios do sultão; e o povo judeu, se retornasse sob a sanção e proteção e a convite do sultão, seria um freio a quaisquer futuros desígnios malignos de Mehmet Ali ou seus sucessores... Tenho que instruir Vossa Excelência fortemente a recomendar que se estenda todo incentivo justo aos judeus da Europa para retornarem à Palestina.²²

Nur Masalha destaca que foi a conjunção entre considerações imperiais britânicas, lobby de judeus sionistas e convicções apocalípticas de cristãos sionistas ingleses e escoceses que culminaram na Declaração de Balfour de 1917²³. Simultaneamente, um acontecimento histórico fortaleceu os ideais sionistas de criação de um Estado judeu na Palestina, a derrocada do Império Otomano que, desde 1516, tinha o domínio sobre a Palestina²⁴. A Declaração de Balfour, datada de 2 de novembro de 1917, redigida pelo secretário de Relações Exteriores, Arthur James Balfour, o lorde Balfour, e endereçada à lorde Rothschild, afirma:

O Governo de Sua Majestade é favorável à criação, na Palestina, de um lar nacional para o povo judeu e usará de seus melhores esforços para facilitar o cumprimento deste objetivo, ficando claramente entendido que nenhuma ação deverá prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas na Palestina, ou os direitos e o estatuto obtido pelos judeus em qualquer outro país.²⁵

David Lloyd George era o Primeiro-Ministro britânico por ocasião da Declaração de Balfour. James A. Saddington em *Prophecy and Politics: A History of Christian Zionism in the Anglo-American Experience, 1800–1948*, afirmou que:

Foi a decisão de Lloyd George a principal responsável pelos britânicos lançarem uma ofensiva em larga escala para conquistar toda a Palestina, apesar dos riscos. Como um sionista cristão, ele estava determinado a ganhar o controle da Palestina sem a interferência dos franceses. Ele também queria que seu país realizasse o que ele considerava a obra de Deus na Palestina.²⁶

Curiosamente, as iniciativas sionistas escamoteavam um antissemitismo por parte de alguns de seus defensores, além de outras motivações. Ami Isseroff destaca que se a motivação dos sionistas cristãos se relacionava com convicções teológicas referentes à volta de Cristo e

²¹ SAID, Edward W. *A Questão Palestina*. São Paulo: UNESP, 2012, p. 11.

²² ISSEROFF. In: <http://mideastweb.org/britzion.htm>

²³ MASALHA, Nur. *Palestina: quatro mil anos de história*. São Paulo: Memo Editora, 2023, p. 375.

²⁴ ISSEROFF. In: <http://mideastweb.org/britzion.htm>; SAID, 2012, p. 13.

²⁵ MASALHA, 2023, p. 376.

²⁶ Citado por ICE, 2009, p. 14.

se para os imperialistas uma Palestina judaica seria “uma desculpa para um protetorado britânico ali, e pudesse servir como uma solução para a “Questão Oriental”, para os antissemitas “o estabelecimento de uma pátria judaica seria uma maneira conveniente de livrar a Europa dos judeus.”²⁷ A esse respeito, Nur Masalha afirma que “a vertente de sionismo cristão adotada por Balfour era motivada por enorme antissemitismo”²⁸. Ele também lembra – algo que os sionistas cristãos não gostam de lembrar – que quando era Primeiro-Ministro, Balfour ratificou a Lei do Estrangeiro de 1905, “cujo objetivo principal era restringir a entrada no Reino Unido de judeus do Leste Europeu.”²⁹

O Sionismo Cristão

O sionismo cristão é a crença segundo a qual o povo judeu tem direito divino ao território da Palestina ou, como eles preferem, à terra de Israel. Essa crença popularizou-se na Inglaterra novecentista tendo como fundamento a teoria escatológica pré-milenista dispensacionalista de John Nelson Darby. Vale destacar que entre seus princípios havia a crença de que as promessas de Deus a Abraão de posse da terra de Canaã, conforme registradas no Antigo Testamento, permaneciam válidas. Essa promessa se estendia aos seus descendentes identificados no moderno povo judeu. Em síntese, o dispensacionismo prevê que Israel será restaurado em suas fronteiras bíblicas como preparação para a volta de Cristo.

Em sua leitura literalista dos textos bíblicos, com certo desprezo pelo Novo Testamento (ou, no mínimo, a concessão de certa primazia ao Antigo Testamento)³⁰, os dispensacionistas advogam que após o arrebatamento dos Santos, o trono do Messias será estabelecido em Jerusalém, os judeus ocuparão a terra prometida do rio Nilo ao Eufrates e o Templo será reconstruído³¹.

Jane Lampman, em seu artigo *Mixing prophecy and politics*, esclarece que:

Para os sionistas cristãos, o estado moderno de Israel é o cumprimento da aliança de Deus com Abraão e o centro de Sua ação de agora até a Segunda Vinda de Cristo e a batalha final do Armagedom, quando o Anticristo será derrotado. Mas antes que isso possa ocorrer, eles dizem, a profecia bíblica prevê o retorno dos judeus de outros países; a posse de Israel de todas as terras entre os rios Eufrates e Nilo; e a reconstrução do templo judaico onde um local muçulmano, o Domo da Rocha, agora está.³²

²⁷ ISSEROFF. In: <http://mideastweb.org/britzion.htm>

²⁸ MASALHA, 2023, p. 376.

²⁹ MASALHA, 2023, p. 376. Masalha ainda anota que “sionistas evangélicos e imperialistas britânicos acreditavam que “uma Palestina judaica” seria conveniente para instaurar um protetorado do Reino Unido junto da principal rota à Índia”. MASALHA, 2023, p. 381.

³⁰ Barbara W. Tuchman, ao destacar o papel do Puritanos na história da evolução do pensamento judaizante, assinalou: “Eles começaram a sentir pelo Antigo Testamento uma preferência que se mostrava em todos seus sentimentos e hábitos. Eles prestavam um respeito à língua hebraica que eles recusavam à língua de seus Evangelhos e das epístolas de Paulo. Eles batizavam seus filhos pelos nomes não de santos cristãos, mas de patriarcas e guerreiros hebreus. Eles transformaram o festival semanal pelo qual a igreja desde os tempos primitivos comemorava a ressurreição de seu Senhor, no sábado judaico. Eles buscavam precedentes para orientar sua conduta ordinária nos livros de Juizes e Reis.” *Bible and Sword: England and Palestine from the Bronze Age to Balfour*. New York: Ballantine Press, 1956, p. 93. Citado por ICE, 2009, p. 5.

³¹ WACHHOLZ; REINKE, 2020, p. 259.

³² LAMPMAN, Jane. *Mixing prophecy and politics*. In: *Mixing prophecy and politics* – CSMonitor.com

Ao longo do século XX, especialmente após o fim da Segunda Guerra, os Estados Unidos assumiram o protagonismo na defesa do Estado de Israel, tanto em termos políticos, quanto religiosos. Os evangélicos estadunidenses, sobretudo os dispensacionalistas, abraçaram a causa de Israel como sinal de sua fidelidade aos mandamentos divinos, assim como registrados no Antigo Testamento e segundo uma leitura assumidamente literalista.

O estabelecimento do Estado de Israel em 1948 foi visto por estes evangélicos como o cumprimento de profecias bíblicas que apontavam para a preparação da volta de Cristo. Mas, o divisor de águas, para que esses evangélicos passassem de observadores do cenário mundial, para atores politicamente engajados, parece ter sido a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando Israel assumiu o controle da Cisjordânia, Gaza e de toda a cidade de Jerusalém, contrariando as fronteiras estabelecidas pela Liga das Nações em 1948³³. Esses evangélicos enxergaram nesse acontecimento o início da contagem regressiva para a volta de Jesus. Hal Lindsey, popular escritor dispensacionalista, autor do best-seller *A Agonia do Grande Planeta Terra*, escreveu: “A Bíblia prediz os sinais que precedem o Armagedom... Nós somos a geração que verá o fim dos tempos... e o retorno de Jesus”³⁴. Sizer também destaca que o fundador da *Moral Majority*, Jerry Falwell não falava sobre a questão palestina até a Guerra dos Seis Dias, após o que “Falwell mudou completamente. Ele entrou na política e se tornou um ávido apoiador do Estado sionista”³⁵.

Chama a atenção o fato de os cristãos dispensacionalistas serem contrários a qualquer acordo de paz. Tão convictos estão de que as profecias bíblicas preveem o retorno e pleno domínio do povo judeu na Palestina e do mandato divino para que todos os povos apoiem e abençoem Israel, que veem em qualquer tentativa de reconciliação com os palestinos uma traição à vontade de Deus. Assim, todas as tentativas de estabelecimento de dois países soberanos na Palestina não apenas não encontraram apoio entre os evangélicos fundamentalistas, como receberam deles forte oposição. Com o objetivo de apoiarem o Estado de Israel e os assentamentos judaicos nos territórios ocupados, dezenas de organizações dispensacionalistas foram criadas com o objetivo de angariar fundos para financiarem esta ajuda e para fazerem lobby junto a políticos estadunidenses pressionando-os a votarem contra qualquer tentativa de acordo de paz.

Jane Lampman cita a afirmação de um desses líderes nos seguintes termos:

Nós defendemos o direito de que toda a terra que Deus deu sob a aliança abraâmica há 4.000 anos seja de Israel... e Ele regulará os assuntos de como Israel entra na cota que é dele para sempre”, diz o Rev. Malcolm Hedding, diretor da Embaixada Cristã Internacional em Jerusalém (ICEJ), o maior dos grupos sionistas com filiais em 55 países. O sionismo bíblico rejeita qualquer esforço para ler as Escrituras espiritualmente ou alegoricamente, diz o Sr. Hedding. “Não existe palestino”, acrescenta³⁶.

São muitas as manifestações contrárias a acordos de paz e de negação dos direitos dos palestinos, negação até mesmo de sua própria existência como povo. O ex-líder da maioria da Câmara, Tom DeLay do Texas (Republicano), ao visitar a área, disse: “Não vejo território ocupado; vejo Israel.” Também o representante dos EUA Richard Arney (R-TX) disse que queria

³³ LAMPMAN. In: Mixing prophecy and politics – CSMonitor.com

³⁴ Citado em SIZER, Stephen. *Christian Zionism: Justifying Apartheid in the Name of God*, p. 166. In: https://www.churchsociety.org/wp-content/uploads/2021/05/Cman_115_2_Sizer.pdf

³⁵ SIZER, p. 166. In: https://www.churchsociety.org/wp-content/uploads/2021/05/Cman_115_2_Sizer.pdf

³⁶ LAMPMAN. In: Mixing prophecy and politics - CSMonitor.com

remover todos os autodenominados palestinos da região e transportá-los para outros países. O senador americano James Inhofe (R-OK) disse no plenário do Senado que Israel “tem direito à terra. Esta é a razão mais importante: porque Deus disse isso, procure no livro de Gênesis... Esta não é uma batalha política. É uma disputa sobre se a palavra de Deus é verdadeira ou não.”³⁷

Outro exemplo citado por Jane Lampman:

após o Acordo de Paz de Oslo de 1993, que exigiu medidas para a remoção de assentamentos judaicos, Ted Beckett de Colorado Springs, Colorado, formou os Comitês de Amigos Cristãos de Israel. O CFOIC permite que as igrejas dos EUA apoiem os colonos por meio de excursões, financiamento de projetos especiais e parcerias contínuas. Cerca de 60 assentamentos identificaram projetos para apoio da igreja, e um programa “adote um assentamento” incentiva laços contínuos³⁸.

Não à toa, quando ficou sabendo que Theodore Herzl estava cogitando a criação do Estado judeu em Uganda ou na Argentina, William Blackstone, um cristão sionista estadunidense, enviou a ele uma Bíblia com todas as referências à Israel e à Sião destacadas em vermelho. Junto à Bíblia, uma carta instando-o a não renunciar à criação do Estado de Israel na Palestina e somente lá³⁹. Assim, Patrick Goodenough, da *Embaixada Cristã Internacional*, insiste: “Nós simplesmente acreditamos na Bíblia. E essa Bíblia, que entendemos não ter sido revogada, deixa bem claro que Deus deu esta terra como uma herança eterna ao povo judeu.”⁴⁰

A defesa da violência e da guerra é normalizada e vista como vontade divina. A organização *Ministério de Igrejas entre o Povo Judeu* (CMJ) defende que “parece-nos que Deus está, sem dúvida, por trás da recriação do Estado judeu no mundo moderno. Somos chamados a apoiar o Estado de Israel.” Sizer cita também a *Judeus por Jesus* a qual justifica “a posição militar de Israel com base na precedência bíblica e no comando divino, alegando que a escolha para eles é entre a sobrevivência e a aniquilação.”⁴¹ Em seu site eles afirmam:

No que diz respeito à força das armas, a escolha de Israel tem sido lutar ou ser aniquilado. Deve ser lembrado que toda posição defensiva envolve alguma violência. Todo derramamento de sangue é lamentável; mas Israel não tem escolha quando confrontado com uma frente intransigente e implacável que ameaçou no passado “empurrá-lo para o mar” Devemos também lembrar que a guerra nem sempre foi “errada”. No tempo de Moisés, os filhos de Jacó não entraram na terra de Canaã e encontraram um comitê acolhedor ansioso para saudá-los e parabeniza-los por sua chegada. Deus ordenou que eles tomassem Canaã pela força. Nesse ponto, teria sido errado que eles não o fizessem. Pode haver alguns que pensam que Deus aprendeu algumas novas lições desde os tempos antigos, mas, até onde sabemos, Deus não muda. É inteiramente possível que mais uma vez ele possa levar Israel a recorrer à força.⁴²

Em 1997, o *International Christian Embassy Jerusalem (ICEJ)* deu apoio a um anúncio veiculado no *New York Times* intitulado “Cristãos clamam por uma Jerusalém unida”. O texto foi

³⁷ JESEP, Paul Peter. *Crucifying Jesus and Secularizing America: The Republic of Faith Without Wisdom*. Xlibris Corporation, 2008, p. 158.

³⁸ LAMPMAN. In: *Mixing prophecy and politics* - CSMonitor.com

³⁹ SIZER, p. 147. In: https://www.churchsociety.org/wp-content/uploads/2021/05/Cman_115_2_Sizer.pdf

⁴⁰ SIZER, p. 150. In: https://www.churchsociety.org/wp-content/uploads/2021/05/Cman_115_2_Sizer.pdf

⁴¹ SIZER, p. 153. In: https://www.churchsociety.org/wp-content/uploads/2021/05/Cman_115_2_Sizer.pdf

⁴² Citado por SIZER, p. 154. In: https://www.churchsociety.org/wp-content/uploads/2021/05/Cman_115_2_Sizer.pdf

assinado por dez líderes evangélicos, entre os quais Pat Robertson, Oral Roberts e Jerry Falwell. No anúncio lia-se: “Apoiamos os esforços de Israel para alcançar a reconciliação com seus vizinhos árabes, mas acreditamos que Jerusalém ou qualquer parte dela não será negociável no processo de paz. Jerusalém deve permanecer indivisa como a capital eterna do povo judeu.”⁴³

Diversos outros exemplos de cristãos fundamentalistas apoiando atitudes violentas e de desrespeito aos direitos humanos do povo palestino podem ser dados. A organização cristã sionista *Judeus por Jesus* tem apoiado as iniciativas do judeu sionista Gershon Salomon, fundador da organização *The Temple Faithful* que defende a destruição do Domo da Rocha e a reconstrução do templo judaico no lugar. Em uma entrevista ao Times, Salomão insistiu que o santuário islâmico deve ser destruído: “O governo israelense deve fazer isso. Devemos ter uma guerra. Haverá muitas nações contra nós, mas Deus será nosso general. Tenho certeza de que este é um teste, que Deus está esperando que movamos o Domo sem medo de outras nações. O Messias não virá sozinho, devemos trazê-lo lutando.”⁴⁴

Conforme anotou Lampman “a possibilidade mais explosiva está relacionada à profecia de que o templo judaico será reconstruído no Monte do Templo, onde agora ficam o Domo da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa”, e ela continua, “alguns sionistas cristãos na América “estão se envolvendo bastante financeiramente e de outras formas no chamado movimento do Templo”⁴⁵.

Por isso, o Dr. Martin Marty, professor de História da Religião nos Estados Unidos e coeditor da Projeto Fundamentalista expressa sua legítima preocupação ao dizer que essa mistura de profecia e política “poderia começar a Terceira Guerra Mundial”⁴⁶.

Ao transformar a fé cristã em ideologia política, os sionistas cristãos ajudam a fomentar a instabilidade política na palestina e participam direta e indiretamente do genocídio do povo palestino.

Sionismo, Território e Identidade

Vale ainda ressaltar a lógica imperialista por traz do sionismo. Desde os primórdios o movimento sionista se esforçou por negar a existência do povo palestino e da ocupação do território da Palestina. Já na Declaração de Balfour, como vimos, o povo palestino é escamoteado com a expressão “comunidades não-judaicas”. Como lembra Mitri Raheb, “não foram mencionados pelo nome... não foram vistos como um povo distinto e, portanto, não mereceram direitos nacionais a uma pátria”⁴⁷. O próprio slogan, popularizado por Israel Zangwill, expressa esse desprezo pela presença/existência do povo palestino, “terra sem povo para um povo sem-terra”.

Em discurso proferido no encontro da Federação Sionista da França, em 1914, Chaim Weizmann, futuro primeiro presidente de Israel proclamava seus ideais colonialistas sionistas:

⁴³ Citado por SIZER, p. 159. In: https://www.churchsociety.org/wp-content/uploads/2021/05/Cman_115_2_Sizer.pdf

⁴⁴ Citado por SIZER, p. 161, 162. In: https://www.churchsociety.org/wp-content/uploads/2021/05/Cman_115_2_Sizer.pdf

⁴⁵ LAMPMAN. In: Mixing prophecy and politics – CSMonitor.com

⁴⁶ Citado por LAMPMAN. In: Mixing prophecy and politics – CSMonitor.com

⁴⁷ RAHEB, Mitri. Terra, povos e identidades: perspectiva palestina. *Concilium* – Revista Internacional de Teologia, 320 – 2007/2, p. 65-73. p. 66.

Em seu estágio inicial, pioneiros conceberam o sionismo como movimento inteiramente dependente de fatores mecânicos: há uma país que porventura se chama Palestina, *um país sem povo* e, por outro, há o povo judeu, que não tem país. O que mais é preciso então para encaixar a joia no anel, para unir esse povo sem terra? Os donos do país [os turcos] devem, portanto, ser persuadidos de que há vantagens nesse casamento, não somente para o povo [judeu] e para o país como para si.⁴⁸ (grifo nosso).

Masalha avalia que “sua intenção não era dizer que não havia ninguém na Palestina, mas sim que não havia ali um povo considerado digno dentro dos paradigmas racistas de supremacia europeia, preeminentes na época”⁴⁹. E Masalha completa apresentando um comentário de Weizmann muito revelador quando questionado sobre a população árabe-palestina: “Os britânicos nos disseram que há ali algumas centenas de milhares de pretos [em hebraico, kushim; em inglês, niggers] e que, para eles, não têm qualquer valor”⁵⁰.

Edward Said nos lembra que se no Israel atual os palestinos são tratados como “os assim chamados palestinos”, Golda Meir, em 1969, dizia simplesmente que “os palestinos não existiam”⁵¹. Sua avaliação deste cenário é esclarecedora:

Esse povo – ou, para aqueles que desejam lhe negar qualquer concepção moderna de si próprio como povo, esse *grupo* de pessoas – criou uma identidade com a terra que cultivou e em que viveu (na pobreza ou não, isso é irrelevante), que se tornou ainda mais forte depois que se tomou uma decisão quase exclusivamente europeia de restabelecer, reconstituir, recuperar essa terra para os judeus que deveriam ser levados para lá de algum outro lugar. Até onde já se pode estabelecer, não houve nenhum exemplo de gesto significativo palestino para aceitar essa reconquista moderna ou aceitar que o sionismo removesse permanentemente os palestinos da Palestina. Tal como está, a realidade palestina é, foi e, provavelmente, será construída a partir de um ato de resistência contra essa nova forma de colonialismo estrangeiro.⁵²

Operou-se na Palestina um “colonialismo de assentamento”. O colonialismo de assentamento repousa numa lógica que depende da destruição para a substituição. A esse respeito, Patrick Wolfe reflete:

o colonialismo de assentamento tem dimensões negativas e positivas. Negativamente, ele luta pela dissolução das sociedades nativas. Positivamente, ele ergue uma nova sociedade colonial na base de terras expropriadas – como eu disse, os colonizadores de assentamento vêm para ficar: *a invasão é uma estrutura, não um evento*. Em seu aspecto positivo, a eliminação é um princípio organizador da sociedade colonial de assentamento, em vez de uma ocorrência única (e substituída).⁵³ (grifo nosso).

Nesse sentido, a lógica colonialista operada na Palestina pelos sionistas judeus caracteriza-se como genocídio, puro e simples – eliminar para substituir. Daí que já no século XIX,

⁴⁸ Citado por MASALHA, 2023, p. 374.

⁴⁹ MASALHA, 2023, p. 374.

⁵⁰ MASALHA, 2023, p. 375.

⁵¹ SAID, 2012, p. 5.

⁵² SAID, 2012, p. 9.

⁵³ WOLFE, Patrick. Settler colonialism and the elimination of the native, *Journal of Genocide Research*, 8:4, 2006, 387-409. p. 388.

F. Laurence Oliphant, membro do Parlamento Britânico e evangélico cristão, seguidor de Lorde Shaftesbury, escreveu um livro chamado *A Terra de Gileade* no qual defendia que os palestinos fossem removidos para reservas assim como os povos indígenas norte-americanos⁵⁴.

Também Stephen Sizer, em seu artigo *Christian Zionism: Justifying apartheid in the Name of God*, afirma:

Em 1975, as Nações Unidas condenaram o exclusivismo étnico do sionismo como “uma forma de racismo e discriminação racial”. Na melhor das hipóteses, parece que o Estado israelense vê os palestinos como uma espécie inferior a ser arrebanhada em cidades bantustanas e campos de refugiados e, na pior das hipóteses, tratados como animais, descartáveis para serem sacrificados diante do deus do sionismo. Os contínuos planos ilegais de assentamentos, apreensões de terras, demolições de casas, expulsões, deportações, ocupação militar, uso de tortura e assassinatos ‘extrajudiciais’ de palestinos são vistos por muitos como uma forma de limpeza étnica motivada racialmente.

Para que um genocídio seja bem sucedido e não encontre resistência da comunidade internacional, insistimos, é preciso tornar as vítimas menos do que humanos. Um processo de apagamento ou de invisibilização é necessário para que as condições ideais para o genocídio se formem. Em fins do século VII a Palestina tornou-se um país predominantemente islâmico e árabe⁵⁵. Os europeus e os sionistas não ignoravam esta presença. Depois de séculos de presença, a Resolução 181, de 29 de novembro de 1947 da Assembleia Geral das Nações Unidas, que endossou a partilha da Palestina em dois estados, viabilizou a controle da região pela Estado sionista que, através da guerra de 1948, expulsou 750 mil palestinos, mais de 80% da população árabe de então⁵⁶.

Conclusão

O ataque atual das forças israelenses contra o povo palestino deve ser classificado como genocídio não porque desprezamos o que ocorreu em 7 de outubro de 2023. Todos aqueles que são comprometidos com uma mensagem de justiça e esperança para todos os povos não podem aprovar o assassinato e o sequestro praticado por forças do Hamas naquele dia. O firme posicionamento contra o sionismo e sua lógica supremacista não pode ser acusado de antisemitismo.

Se há uma solução não apenas para o atual conflito, mas para a situação de opressão na qual vivem os palestinos desde 1948, essa passa, do ponto de vista político, com o apoio e ações que consolidem um mundo multipolar. Não cremos que a reforma do atual sistema será suficiente para o mundo de justiça e esperança que sonhamos. Há de se ter uma mudança estrutural que, dentre outras coisas, exija uma recomposição do Conselho de Segurança da ONU; o fortalecimento dos BRICS e as consequentes ações em busca do multilateralismo, tais como, a criação de uma ordem mundial mais equitativa e menos dependente das instituições financeiras e políticas dominadas pelo Ocidente, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco

⁵⁴ ISSEROFF. *In*: <http://mideastweb.org/britzion.htm>

⁵⁵ SAID, 2012, p. 12.

⁵⁶ MASALHA, Nur. *Expulsão dos Palestinos: o conceito de transferência no pensamento político sionista 1882-1948*. São Paulo: Editora Memo, 2023, p. 155.

Mundial; a quebra do monopólio do dólar americano no comercial mundial; uma agenda que promova a cooperação entre os países do sul global que envolva tecnologia, comércio, energias renováveis, saúde, fortalecimento de Foros internacionais etc. Do ponto de vista teológico, o fortalecimento de Instituições teológicas ao redor do planeta comprometidas com uma teologia dialogal e decolonial que enfrente o tema do genocídio, mormente, o genocídio palestino em sua agenda; a ampliação de publicações de viés pastoral e comunitário que proponha um debate aberto sobre as teologias que dão sustentação e legitimidade às muitas violências e ao genocídio do povo palestino, em particular. A promoção de debates, fóruns, encontros com foco no povo das comunidades visando a ampliação do horizonte teológico com vistas ao mundo pacífico, justo e fraterno que espelhe o Reino de Deus.

Referências

- ALBANESE, Francesca. Anatomy of a Genocide: Human Rights situation in Palestine and other occupied Arab territories. *Human Rights Council*, Fifty-fifth session, February 26-April 5, 2024, Agenda item 7.
- FORENSIC ARCHITECTURE. *Humanitarian Violence: Israel's Abuse of Preventative Measures in its 2023-2024 Genocidal Military Campaign in the Occupied Gaza Strip*. In: <https://forensic-architecture.org/investigation/humanitarian-violence-in-gaza>
<https://edition.cnn.com/2024/04/09/middleeast/gaza-food-aid-convoy-deaths-eyewitness-intl-investigation-cmd/index.html>
- ICE, Thomas D. Lovers of Zion: A History of Christian Zionism (2009). *Article Archives*. 29. https://digitalcommons.liberty.edu/pretrib_arch/29
- ISSEROFF, Ami. *British Support for Jewish Restoration*. In: <http://mideastweb.org/britzion.htm>
- JESEP, Paul Peter. *Crucifying Jesus and Secularizing America: The Republic of Faith Without Wisdom*. Xlibris Corporation, 2008.
- LAMPMAN, Jane. *Mixing prophecy and politics*. In: *Mixing prophecy and politics – CSMonitor.com*
- LISSOVSKY, Alexandre. *2000 anos depois: o renascimento de Israel*. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.
- MASALHA, Nur. *Expulsão dos Palestinos: o conceito de “transferência” no pensamento político sionista – 1882-1948*. São Paulo: Editora Memo, 2023.
- MASALHA, Nur. *Palestina: quatro mil anos de história*. São Paulo: Memo Editora, 2023.
- MCDOOM, Omar Shahabudin. Expert Commentary, the Israeli-Palestinian Conflict, and the Question of Genocide: Prosemitic Bias within a Scholarly Community? *Journal of Genocide Research*, 2024, May, 1-9.
- RAHEB, Mitri. Terra, Povos e Identidades: uma perspectiva palestina. *Concilium – Revista Internacional de Teologia*, 320 – 2007/2, p. 65-73.
- REINKE, André Daniel. *Sionismo Cristão e sua Influência na Cultura Protestante Brasileira*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2018.
- SAID, Edward W. *A Questão Palestina*. São Paulo: UNESP, 2012.
- SIZER, Stephen. *Christian Zionism: Justifying Apartheid in the Name of God*. In: https://www.churchsociety.org/wp-content/uploads/2021/05/Cman_115_2_Sizer.pdf

SULTANY, Nimer. A Threshold Crossed: On Genocidal Intent and the Duty to Prevent Genocide in Palestine. *Journal of Genocide Research*, 2024, May, 1-26. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14623528.2024.2351261>

WACHHOLZ, Wilhelm; REINKE, André Daniel. “Pela paz de Jerusalém”: a origem do sionismo cristão, sua influência na igreja protestante brasileira e sua atuação no Congresso Nacional. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano XIII, n. 37, Maio/Agosto 2020, p. 253-273.

WOLFE, Patrick. Settler colonialism and the elimination of the native. *Journal of Genocide Research*, 8:4, 2006, 387-409.

Submetido em 15/09/2025

Aprovado em 06/10/2025